

O Evangelho

da Iluminação

MÁRCIO CATUNDA



O poeta viaja no oceano da sabedoria, transformando-se em profeta. O Evangelho da Iluminação, é um bálsamo suavizante, um êxtase de sensibilidade, pureza e verdade. Romântico na intimidade com o divino, Márcio enaltece o amor à natureza, florando a magnitude da humanidade, decantando o equilíbrio, a felicidade, na animação da virtude. A filosofia oriental e os ditames da ciência solidificam o caráter universal da obra na sutil coerência destes postilados. Luiz Edgard Cartaxo de Arruda Jr.

(. . .) Márcio Catunda parece atravessar, no momento, uma fase de contemplação mística, em que se volta basicamente para o culto da natureza, em busca da paz e da serenidade que só a vida contemplativa pode outorgar aos espíritos que não encontram satisfação plena ao contacto do pragmatismo nivelador.

O sol, o mar, o vento, a chuva, o crepúsculo — são alguns dos novos temas incorporados à sua poemática. É visível a preocupação do poeta em demonstrar que o convívio da natureza é uma fonte permanente de sabedoria, de beleza e de espiritualidade. (. . .)

FRANCISCO CARVALHO

Márcio Catunda, sem dúvida um dos talentos mais robustos da nova geração de intelectuais, é daqueles que, no plano literário, não produzem pelo simples gosto de produzir. Na sua obra, que dia a dia está crescendo, jamais se deixou de ver esta nota quase tônica: a busca do universal. O homem e o povo sempre se acham presentes, quer na sua prosa, quer na sua poesia.

A prova do que ora afirmo o leitor vai, facilmente, encontrá-la nas páginas deste livro: belas e fortes no conteúdo como o estilo.

Sente-se neste livro tudo o que vem preocupando o homem, no tempo decisivo que ora vivemos — tempo de mudanças violentas e rápidas, que já não se podem esconder, em todos os chãos da vida do homem: econômico, social, político e literário.

O presente volume demonstra, de modo claro, a inquietação que está marcando o mundo presente, matriz de um outro mundo que já se configura à luz do sol: rico de uma realidade diferente, que não sei se vai trazer a felicidade por todos esperada, assim que amortece-rem os ódios entre os países, entre as classes, entre as raças.

Márcio Catunda nasceu para andar, andar sempre, sem fadiga, no caminho das letras — caminho em que os intelectuais nem sempre escutam esta música consoladora: a música dos aplausos, a música das palmas. É que, infelizmente, neste mundo, a beleza, às vezes, não é vista ou sentida por todos os homens.

JÁDER DE CARVALHO

1.000

Ao Nilton Maciel
estas invenções,
com fraternos apreço.

Paulo

Brasília, 30/10/84

O EVANGELHO DA ILUMINAÇÃO

Oferecimento:

*A quem me escolhe na casa da
existência:*

*Orzete Filomeno Ferreira Gomes
e Zenilda Catunda Ferreira Gomes.*

OBRAS DE MÁRCIO CATUNDA

1. *Poemas de Hoje, 1977*
2. *Incendiário de Mitos, 1980*
3. *Navio Espacial, 1981*
4. *Estórias do Destino e a Pérfida Perfeição, 1983*

Márcio Catunda,

O Evangelho da Iluminação, 1984

Desenhos: Aluisio Gurgel



GRÁFICA E EDITORA RAMOS LTDA.

Rua Gonçalves Lêdo, 1508 (Centro)

Fone: 231.3219

FORTALEZA — CEARÁ

O MAR

A Artur Eduardo Benevides

O mar borbulha, brilha na enseada
de topázios diluídos.

Cachoeira de eclosões procelosas,
retroa, verte os cântaros,
ruge represado e estronda sobre os rochedos.

Escuto a efusão que estruge,
as ondas derramam euforias,
lavando as almas,
espantando a tristeza.

Ruidosa chuva, chove sobre as ravinas,
singra torrencial essência dissolvendo os minutos,
fascina a imensidão, azula os recantos,
energiza as pedras em transe de volição e verve.

Na planície turbilhando colorações,
bramindo em caldeiras sucessivas,
estuando música, o mar se arreбата,
alastrando as espumas na praia.

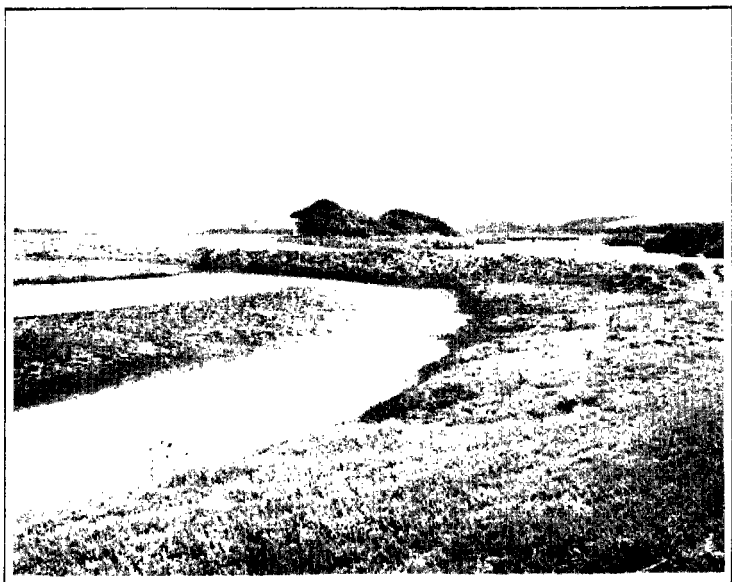
O VENTO

Vem de Deus a luz do vento,
seiva e sopro do repouso,
harmoniza o pensamento.
As ondas arrastam folhas,
livre, leve sentimento,
acariciando essas flores,
vem trazendo alumbramento.
Da infinita natureza
recebemos alimento
respiração de Deus: o vento.
Vibração universal,
a vida pertence ao vento:
fonte eterna, paraíso,
perplexidade, momento,
maravilha sideral.
Pelo compadecimento,
o prazer, suave alento,
espargindo um festival,
vem circulando no vento.

Vento, purifica meu espírito,
expulsa o mal pelo poder do bem.
Lava de vida o meu ser,
varre o que estiver errado
e escreve o certo: a verdade.

O SOL

O sol clareia a consciência,
brilha no espelho das águas,
é a memória da perenidade.
Tudo se nutre do hálito radiante do seu fulgor
— irradiação transparente de alegria.
Ilumina as dunas, desenha sobre a relva rastros de beleza.
O dia é calmo pela estrada florida.
Quando se expande o domínio da natureza,
o sol destila no ar a bênção dos eflúvios,
derrama a força dinâmica das oferendas,
revigora-nos com seu sorriso de harmonia,
gerando a realidade, a bem-aventurança,
o poder ressuscitador.
Astro soberano,
Eterno Pai,
supremo em seus desígnios,
vem trazendo à terra o benefício da vida,
o milagre da Luz.



MEIO - DIA

O mar espuma sob a cabeleira das nuvens.
A carruagem nebulosa e diluída
segue além do espelho das areias.
Esvoaça na crosta das ondas.
Lavo os pulmões na cadência borbulhante do espaço.
Volúveis, as dunas evoluem,
sinuosas no labor do tempo.
Seqüência corrosiva de tudo.
Infinita hora, momento sutil,
vasto segredo . . .

O SOL PLENO DE VIDA

O viajante contempla a vastidão da natureza.
Cantam os pássaros e murmuram os deuses vegetais.
E, na manhã, a serra resplandece
em vibrações, harmonias,
e desenham-se castelos de nuvens no céu translúcido.
O peregrino estende o olhar
ao longo das imensidades verdes.
Pervaga pelo horizonte a visão da distância,
nos quintais os coqueiros acenam adeuses ao vento.
A claridade do dia é um apelo à meditação,
os telhados matizados do tempo são melancólicos.
Também a vida se transforma
pela persistência dos anos.
O viajante da solidão deixa-se consolar
à sombra dos pensamentos.

Viçosa do Ceará, 11 de outubro de 1980.

CREPÚSCULO

A Joaquim Inojosa

As constelações acendem seus archotes.
Momento de consagração: um manto de sombra
envolve o planeta.
Tarde de amavios, mansuetude,
chegam as primeiras frestas:
fagulhas, lumes, fachos, tochas,
transparências límpidas,
esbraseia o cântico maior.
No firmamento estão os espíritos divinos,
lampejam guiando meus passos.
Vejo a fonte do sigilo,
firo a lira do idílio
e tudo se transfigura.
Velejo em ressonâncias,
tudo se rende aos pés da serenidade.
O pôr-do-sol dissipa devaneios, extasia os meus sentidos.
espalha orações no horizonte,
harmonia dourada, vermelhos fogos,
refrigério de alento sobre as coisas.
Quero ser sempre digno das emanações destes anjos.
Fontes atrativas do esplendor,
chuva mansa fluindo seres imortais.

OCEANO DE PUREZA

A Mellilo Moreira de Mello

Abro a janela para o tempo eterno.
Essas candeias vêm anunciando a luz no firmamento.
É a claridade limpa de Deus,
o brilho cristalino da eternidade.
O cintilar das estrelas. Como é bom senti-las!
Eu sinto os raios benéficos jorrando vida.
São mensageiros da sempre aurora acesa no espaço.
Sentinelas da lucidez,
faróis de orientação,
são os poetas discípulos de Jesus
acendendo fachos no céu.
Estrelas luzindo no nebuloso templo do tempo,
penetrando o véu da compreensão, revelando
a verdade.
São os poetas, herdeiros do amanhecer,
vivendo no equilíbrio.
De minha janela vejo o panorama do infinito.
Os astros rutilantes trilham maravilhas:
é a falange divina projetada no espaço.
Resplandece o brilho constelado da imensidão.

O ANJO LUNAR

A Homero Homem

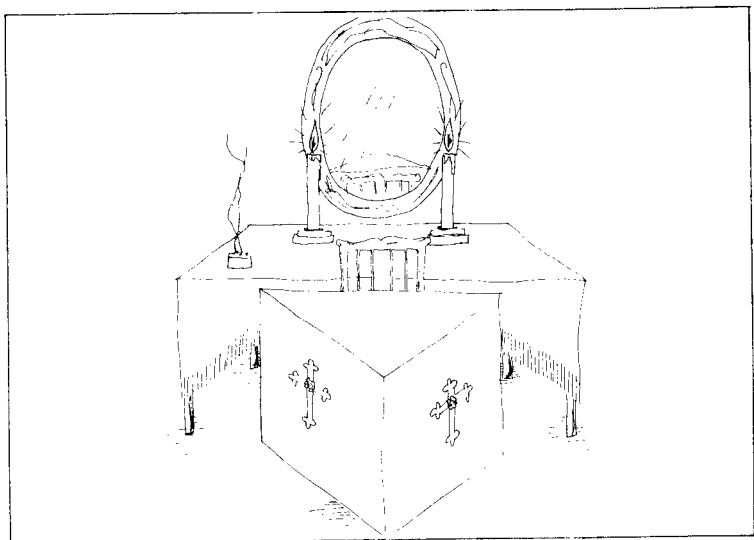
A lua acende o semblante azul do litoral,
Seu lume é o clarão das almas.
É a lâmpada que enleva a sina dos andarilhos
e magnetiza-me dos compassivos raios da alvorada.
Desperta o divino afã,
levando aos escombros o vôo dos medos.
Reina sobre os entes vivos,
envolve-me nos mantos da suavidade,
acolhe os itinerantes.
A lua instila ternuras esvanecentes
e permanece transluzindo júbilos,
desenhando o rastro de emanções.
Vigilante clareza,
consagra-me à esfinge dos signos marítimos,
aura despontada no nascente,
cingindo o arco-íris,
brotando a fragrância do êxtase.
Flameja o lampadário sobre a neblina
e veleja como um cisne de seda.
Hóstia de jasmim, lírio compacto germinando,
a lua é quem me anima a enfrentar os vendavais.

MEDITAÇÃO

Na alvorada de sua devoção Jesus Cristo peregrina.
Os olhos de pássaro fitando a messe,
as veredas, os vales,
os campos de mirra,
os lírios na vertente, os horizontes.
Vindimando as uvas, colhendo os figos,
passeia entre os canteiros, no pomar.
Sua imagem enche a terra de alegria
e a manhã se faz tranqüila.
A planície vai além dos confins da Palestina.
Marulha o Mediterrâneo nas praias.
Um bálsamo de amor suaviza as fontes,
um óvalo de luz clareia as águas
e orvalha de perfume a natureza.

ASSIM SEJA

No cristal desenho da cruz.
O Eu se ilumina,
o som das harpas penetra os umbrais do átrium.
Cultivo a aura das coisas, a energia cósmica,
a intuição das mentes.
Reverencio o sanctum dos espíritos ancestrais.
Penso nas hostes do cósmico,
no controle sísmico da paz.
O fogo das velas é luz que lava o lustre da alma.
O leste revela o espaço translúcido.
Preencho a alma de riquezas
e digo: Luz, Vida, Amor.



DETERMINAÇÃO

Hei de vencer pela pujança dos meus nervos,
darei as palavras verdadeiras, persistentes,
em busca da firmeza.
Cumprindo meu trabalho, amando meu semelhante,
estou seguro no aconchego dos pensamentos.
Cuidadoso, atento, desperto, alerta,
caminho pela estrada da simplicidade,
cultivando minha esperança e minha vida.
Sei que vale o sacrifício da luta de ser forte
e enfrentar os perversos
e ensinar aos tristes a vida plena de amor.
Não estou só: a música me encanta e me acalma.
Integro-me na música — minha libertação.
Agora que renasço no sereno alvorecer,
estou triunfando e me liberto.
Ando guarnecido nas fontes da fraternidade.
Nada mudará a direção do meu vôo
porque eu sigo para as alturas.

APRENDENDO A VIVER

Alegram-me os pomos da aurora.
Conheço a magnitude das profusões,
a austeridade que anuncia a satisfação do mundo.
A vida projeta silêncios que suporte.
Quero repousar depois das emoções,
a alma lânguida em liberdade.
Viajo no país do conhecimento,
acordo no sítio da beleza:
tudo é lindo na estância do sol.
Tudo é tranqüilo na seara da distância.
Sei andar pelos jardins em peregrinação.
Caminho na convicção da liberdade.
É madrugada. Minhas narinas aspiram
o perfume bom da brisa.



O IMPERECÍVEL

Quem age em santidade vê o mundo vivo.
Aprende os puros pensamentos.
O amor floresce na meditação.
Deixa fluir a ausência de desejos.
A hora extravassa em harmonia,
manifesta a paz do imperecível.

O JARDIM DOS ENCANTOS

Olhar a luz por entre as sombras
na quietude do momento.
Voar além, por sobre o abismo,
fluir na paz e no silêncio,
bebendo o bálsamo do vento.
Olhar a placidez das brumas,
o vapor livre das espumas,
na aragem fresca dos açudes.
Ser como as pedras, no remanso
do rio calmo e sonolento.
Contornar os precipícios ouvindo os pássaros,
sentir a luz plena do dia,
o sol lavando o rosto dos bosques.
Voar pelas torrentes de alegria,
como as flores brancas.
Viajar nos matizes das borboletas,
flutuar, ser leve, à serenidade
das margens do córrego,
escutando as cantilenas da floresta,
contemplando a oscilação dos galhos,
o tumulto das folhas,
as águas fervilhantes,
os agodoeiros vaporosos,
os arbustos despertados,
e deslizar o olhar sobre a folhagem tremulante.

O EREMITA

O silêncio é a mensagem das estrelas:
a fonte do absoluto.

As nascentes anelam, o arco-íris
é a lâmpada dos signos no horizonte.

O eremita deixa-se tranqüilo:
logo mergulhará no infinito.

Ouve os passos da procissão das entidades,
extasiado na dimensão das constelações.

Do altar, por entre as chamas dos turíbulo,
mira as nuvens, os arrozais ondulantes,
a planície luminosa, a claridade da fonte
de águas límpidas.

Da seara dos cálices florais,
adentra os bosques por entre as montanhas,
na quietude dos arraiais mosteiro.

O aroma das essências, os arbustos,
afáveis sopros da tarde e seus moinhos.

Vislumbra a paisagem!

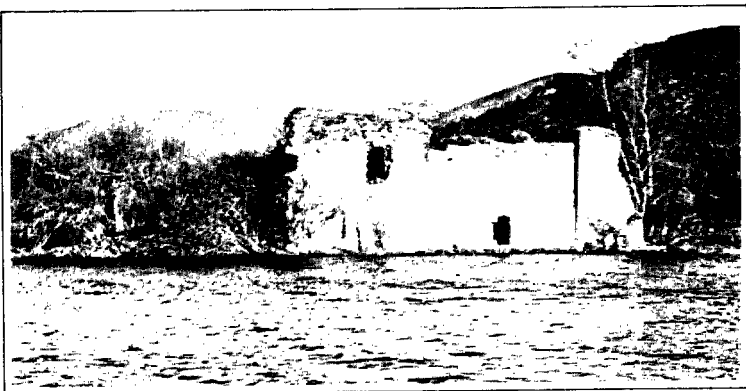
Pelas teias do céu conhece o tempo em que flora
a misteriosa excelência.

Sorve a taça do supremo dos templos.

As ressonâncias difusas,
os rios, as teias circulares
pulsam na cadência do universo.

Os silêncios rodopiam velozes
no âmago do repleto vazio:
sereno de linhas diluídas, calma feita
de concentração.

A espiral viva dos redemoinhos, suavidade.
Tudo se esvai nos contornos da hora.



O INVERNO

A Nirton Venâncio

As árvores estão pensativas na tarde molhada.
O inverno gelou o coração dos viajantes
e vem a brisa trazendo uma frieza de nostalgia.
Que beleza ver as folhas orvalhadas!
Como meus olhos se agradam
na alegria das palmeiras.
A paisagem verdejante se espraia no horizonte.
Mergulho os arredores no oceano da alma.
Crepúsculo do dia.
Hora meditativa.
Depois da chuva o chão adornado de acalantos,
areia molhada de brisa.
A terra ficou lavada pelo bálsamo da natureza.
Virá o tempo da colheita,
tempo de florescer.

INSPIRAÇÃO

A Mário da Silva Brito

Água azul, céu de bonança,
inunda meu sentimento:
Oceano de onda mansa
na melodia do vento.

Num momento de alegria,
sereno, benevolência,
a vida na flor do dia
pede ao mundo complacência.

Tarde linda se eterniza.
Mira as nuvens meu olhar,
passeio bebendo brisa
pelo parque à beira-mar.

Peço à vida inspiração.
Riso, amor, flores, ventura,
sombra e luz, sol de verão,
orvalho na manhã pura.

ÉXODO

A Sérgio Faro

Quando a relva se encrespa do arrepio do vento
a minha alma toda se punge do murmúrio do espaço,
do perfume áspero da terra
e eu tomo um banho de alegria.
Ando imaginando a poesia que vem
com seus braços de mistério
e caminho para a fonte do amor.
As aventuras são os passeios sentimentais
e a emoção é um afeto simples diante das imagens
da tarde estremeçada . . .
Caminho para o tempo das dádivas,
dos anelos cotidianos
e vou repousar no estuário do horizonte.
Acompanho o lençol das madrugadas
e sou feliz pela prudência dos meus rituais,
pela obediência com que amo as coisas eternas,
pela minha ânsia de humildade.



PROFISSÃO - DE - FÉ

Libertar os ultrajados das cidades e dos campos
os que não tem lar nem alimento.

Pedir pelos que suplicam,
cuidar dos enfermos e alimentar os famintos.

Unamos nossas vidas.

Só o amor pode plantar a esperança
nas mãos do medo.

Irmãos de todos os continentes,
o mundo precisa de paz.

É hora de cessar todos os conflitos
e anular as armas.

Extinguir toda a injustiça, toda a exploração.

E mostrar aos opressores o sentido da fraternidade.

Limpar do mundo a indigência, a mendicância.

Expulsar a tirania e trazer aos homens a liberdade.

É tempo de seguir o novo itinerário:

liberdade — janela aberta no caminho do amor.

NOTURNO DO RIO DE JANEIRO

A José Alcides Pinto

Atravesso os túneis
e o tumulto fervilhante dos transeuntes.
Observo as velozes viaturas
deslizando sobre o plano escuro do asfalto,
rugindo máquinas no autorama dos viadutos.
Vislumbro a orla marítima pontilhada de luzes,
fluxo palpitante de vida, cintilando rotativos faróis,
automóveis cortando a noite.
Água a renovar de brisa o perímetro das artérias.
Da janela do ônibus revejo o cenário comovente:
a transfiguração da paisagem.
Rio de Janeiro, atendo ao chamado do teu ritmo:
percurso voraz da sensação,
tráfego turbulento.
Satisfaço-me contemplando a volante fruição.
A nave dos idílios na gávea
dos teus respiradouros.
Vejo a linha costeira de lustres e cristais
irradiando o fulgor das centelhas,
arrebatando meu alento íntimo.
A ponte é um rosário incrustado de rubis,
um carrossel faiscante.
As colinas nubladas de cerração.
Vento fino gelando minha face,
névoa do anoitecer lavando minhas pálpebras:
consterna-me afastar o olhar do teu relevo enternecedor.

Rio, agosto de 1983.



BRASÍLIA

Simetria de prédios que desenham uma muralha,
barragem da plataforma transparente.

As árvores são de um verde vertiginoso:
bosques riscados de asfalto,
de quadriláteros entrecortados de viadutos.
Quadrângulos de concreto.

DEVOÇÃO

Por ele é que gorjeiam as aves na tarde
e o sol rutila sobre o grande arado
na encosta da Colina de Govardhana
e por sobre a arena das dinastias.
Por misericórdia as coisas fluem,
alegram-se as entidades vivas.
Do seu monastério às margens do Ganges
Krshna saboreia os passatempos em êxtase,
mitigando todas as ansiedades.
Um rio flui do seu rosto de luar.
Sua flauta derrama o fluido de nectár
— poeira de neve em seus pés de lótus.
Como é saboroso o mel das flores
santificadas por sua beleza
eterna e transcendental
repleta de bem-aventurança.



PASSEIO BUCÓLICO

A Mário Gomes

Caminho tranqüilo na manhã de paz.
À sombra dos cajueiros escuto as aves
e o latido de um cachorro.
Os canários pousados no quintal da minha vida
enchendo de pureza a manhã ensolarada.
Caminho pisando os gravetos ressequidos,
as borboletas brincam,
correm pequenos répteis,
formigas devoram galhos.
A brisa suave refresca meu rosto.
Minha riqueza é esse passeio
conversando com as árvores, os passarinhos,
respirando a felicidade.

VIDA

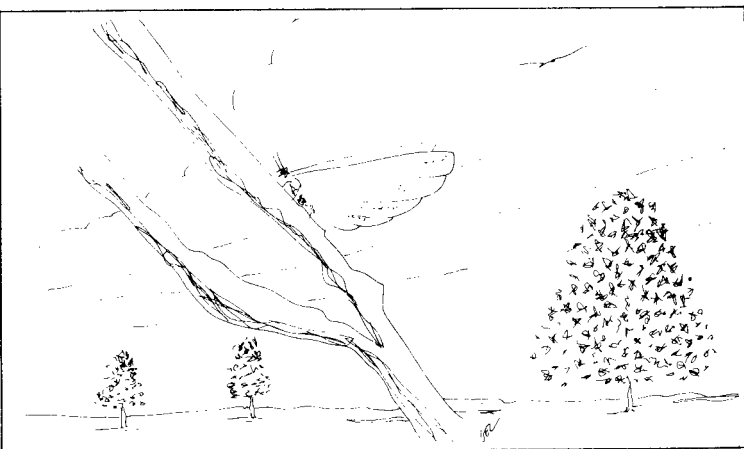
A Ralph M. Lewis

Existe vida em santuários inorgânicos,
no transporte dos raios gravitacionais,
na estratosfera vibram átomos dinâmicos
e o espírito estremece em frequências astrais.

Tudo retorna à essência em espirais:
a cor sonora vibra nos teclados químicos,
tudo converge para as fontes naturais.
E fervescentes fluidos, elétrons anímicos.

Existe vida no plasma das latitudes.
Paira no espaço a substância da matéria,
o fluxo celular de ondulação etérea.

E os raios do universo em celestiais alturas,
ressoam seus harpejos de efusão sidérea,
magnetizando a luz das colossais planuras.



TEMPO

O Tempo: expressão da reta infinita.
Altar de espuma e névoa divagando,
áurea chama de suave lenitivo.
Reino feliz com luz resplandecendo.

Vigília dos ermos e ressonâncias.
Bálsamo de marés imaginárias.
Festa perene, sopros perfumantes,
habitação real de amplo mistério.

Tocha cotidiana: aurora e relâmpago,
mergulho claro azul, murmúrio manso.
Silêncios primaveris e fragrâncias.

Divindade de cores transluzentes.
Dimensão fulgurante de remansos,
floração de mistérios e excelências.

NOITE

A rua está deserta, as casas dormem;
lâmpadas a luzir, nenhum vivente
surge pelos jardins ou nos terraços,
nas calçadas desertas deste bairro.

A noite silenciosa envolve tudo:
os muros, as vidraças e os telhados,
as plantas escutando o som dos grilos,
rumor de carros quebrando a quietude.

O vento a murmurar dentro da noite
balança os galhos da castanholeira,
na hora de secreta soturnez.

Contemplo a celestial parede aérea,
e além dos pântanos de sombra imóvel,
o pulsar dos losangos translativos.

1º DE MAIO

A Plínio Doyle

Transcorre hoje o dia do trabalho.
Cada operário exerce o seu papel,
tem o ignaro da escultura o malho
e o sábio tem apenas o cinzel.

O lavrador cultiva alface e alhos,
o cavaleiro atrela o seu corcel,
eu tento me evadir por sete atalhos,
levando a vida como menestrel.

Uns cantem da discórdia o enxovalho,
o dedo em riste, a ostentar o anel,
lançando a nossa sorte num baralho.

Eu edifico um grande arranha-céu
e pelo mundo a luz do amor espalho,
vencendo a morte em todo o tropel.

AVE

Porque fiquei voando em seu carinho,
bebendo gestos de ternura e calma,
cantei uma canção de passarinho,
iluminando de emoções a alma.

Eu que só vejo pedras no caminho,
fico cantando nos bosques do amor.
Seu claro corpo é como um belo ninho,
alimentando o colibri da flor.

Bebo o aroma do néctar nos quintais,
sonho jardins de luz entre os canteiros,
sou cantor da beleza entre os pardais.

Voando nos seus olhos feiticeiros,
clareio a senda dos meus rituais,
são eles dois faróis, são dois luzeiros.

ESTRELA

Pensando em ti minha alma se conduz
para o mundo encantado da harmonia,
onde tu vives toda envolta em luz,
a luz tão pura que o sol irradia.

Quando a vida pesar como uma cruz
que devo suportar por algum dia,
virá, como um milagre de Jesus,
depois da tempestade, a calmaria.

Se quero nos teus olhos ver os meus,
como do sol precisa a humanidade,
se podes nos meus olhos ver os teus,

vivamos sempre firmes na verdade,
unidos na certeza ao grande Deus,
e aos anjos, pelo céu, na eternidade.

PRINCESA

À Cecília P. Vianna

Pensando em teu olhar de claro céu,
minha lembrança segue pelo espaço.
Teu vulto surge num dourado véu
e escuto a brisa leve do teu passo.

Luar de silêncio, verde vergel,
vejo na imagem que no sonho faço.
O teu sorriso tem sabor de mel
e pode apascentar todo cansaço.

Sofrendo esta saudade e a esperança,
só te esperar na vida é minha crença
e o meu amor de te esperar não cansa.

E desde já, preparo a festa imensa
para adorar-te assim feito criança,
beijando as flores da tua presença.

O EXEMPLO DA PEDRA

Imersa na solidez consistente.
Sentindo a infinitude sem idade,
posta em secreta rigidez latente,
a pedra mostra sua integridade.

Ante a fruição da animalidade
que anda no alvoroço incoerente,
observa a orgânica fragilidade
e no silêncio jaz indiferente.

Dureza imóvel, ríspida, encantada,
aceita a sorte com serenidade,
livre do medo e da fatalidade.

Se o vento sopra pela imensidade
ela reconhece a necessidade
de se sentir em pó transfigurada.

CANTO EM FORMA DE ORAÇÃO

A Nicodemus Araújo

Pai nosso que no céu vos encontrais,
santificado o vosso nome esteja.
Dai-nos o puro reino uma vez mais,
Vossa vontade sempre feita seja.

Queremos o pão com que mitigais
a fome que este dia então enseja,
dai-nos a bondade com que perdoais
nossas ofensas na doida peleja.

Não nos deixeis em tentação jamais
cair, no mal que sem querer se faz.
E abençoai-nos em nome do Pai,

do vosso Filho, do Espírito Santo,
cobri-nos com vosso sagrado manto
e recebei a oração deste canto.

ANUNCIAÇÃO

Ao Mestre Raimundo Monteiro de Sousa

Erguendo os alicerces da confiança,
construo um monumento à dignidade.
O trono do porvir e da esperança
ao rei da paz e da fraternidade.

Celebro a festa da grande vitória:
os inimigos todos dando as mãos,
na redenção maior de nossa história,
todos iguais, no amor, todos irmãos.

Floresce o amanhecer da primavera:
já vem o mundo que o justo procura,
já vem o tempo que o meu sonho espera.

A força da verdade nesta esfera
trará um anjo da infinita altura,
cobrindo a terra de luz e ternura.

FRATERNIDADE

A Jarbas Júnior

Quando em sombras se turvam os caminhos,
nos momentos difíceis de aflição,
recebemos o alívio do carinho
e o auxílio sagrado de um irmão.

Se vier da tristeza o torvelinho,
é preciso enfrentar a provação.
Quanto mais me maltratam os espinhos,
mais de perto eu vislumbro a perfeição.

Aprecio a fiel misericórdia
dos profetas cantores da beleza,
na piedosa mensagem da concórdia.

Da virtude se tenho a chama acesa,
transformando em amor toda discórdia,
seja a fé meu reduto e fortaleza.

NATUREZA

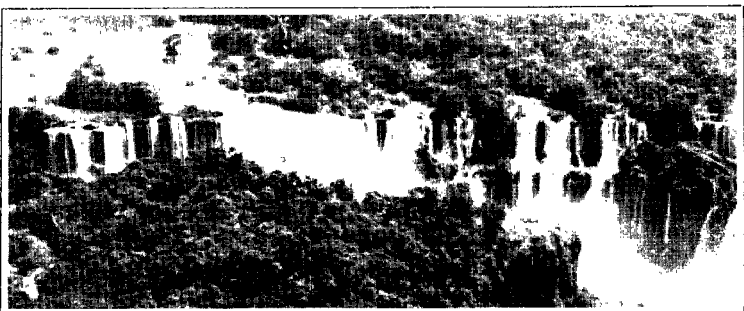
A Vicente de Paula Gifoni Filho

Desabrocha a rosa estival dos ventos,
o arvoredo vibra serenidade,
as nuvens fluem seus caminhos lentos,
respira a brisa plena claridade.

Erguem-se os montes e os bosques florais,
ornamentando as lagunas e os campos,
ondulam na planície os capinzais,
cintilam na floresta os pirilampos.

Agradecendo a Deus por mais um dia,
as flores brilham de contentamento
e o bem-te-vi canta com alegria.

Rescendem cravos, rosas e alfazemas
e um céu azul se vê no firmamento,
glorificando as criações supremas.



ENERGIA UNIVERSAL

Energia volátil — fluido e plasma
que purifica a substância mental,
é o fogo cristalino que espalha
pelo tempo a natureza imortal.

Energia criadora universal,
origem do horizonte dos eventos,
instila o amor nas torrentes do astral,
soprando a vida no vapor dos ventos.

A alma, que é divindade em essência,
vitaliza as moléculas orgânicas,
Força vital, vibrando alta freqüência.

E as células, nutridas de plangência,
são borbulhantes quais lavas vulcânicas,
manifestando a glória da existência.

POSFÁCIO

MÁRCIO CATUNDA, neste seu livro de poemas, surpreende pela densidade lírico-filosófica de sua mensagem, que se despe de temas e motivos triviais para alcançar uma dimensão maior, em que o espírito começa a sofrer o mistério das cousas.

Fico feliz em constatar que o poeta amadureceu e procurou encontrar uma nova medida do ser e do mundo, fazendo uma poesia vertical e interpretativa dos mitos, carências e caminhos nos quais realizamos a nossa aventura humana.

Um certo tom satírico-anárquico de alguns de seus poemas anteriores é substituído, agora, por uma linguagem hermética e por vezes mística, através da qual se desdobra o seu monólogo interior, no fazer poético. Sua voz, no atual momento, não é a voz de um pequeno pardal e bicar as espigas do cotidiano. É a voz de um profeta, de um asceta, de um mago, de alguém que se sentiu subitamente iluminado pelo conhecimento da verdade transcendente.

Seu lirismo, por isso mesmo, é um lirismo mais amplo e mais profundo, em que encontramos, amiúde, pequeninas jóias na imagística alargada pela identificação de sua alma com a natureza e a vida. E chama os poetas de herdeiros do amanhecer, e fala-nos do mar brilhando na enseada de topázios diluídos, ou do bálsamo de marés imaginárias, ou da vigília dos ermos, ou da rosa estival dos ventos. E penetra, com relativa força, naquilo que eu chamaria de linha rilkiana da criação poética. E quando falo em Rilke poderia falar, igualmente, em Hoelderlin, em T. S. Eliot, em Ezra Pound, em Octavio Paz, em Jorge Luís Borges, ou no nosso universal Carlos Drummond de Andrade. Refiro-me, evidentemente, aos que trabalham a poesia com largueza imagética, com sons e tons em harmonia, com grandeza conteudística, com transparências imortais.

Para tanto, o poeta tem que assumir uma atitude e adotar uma postura estética e filosófica. Tem que alargar e superiorizar a sua visão do mundo. E a poesia passará a fluir com a fosforescência dos cristais.

Márcio Catunda compreendeu muito bem essa necessidade de enveredar através de temas eternos, para ter uma colheita mais bela e promissora sem concessão à vulgaridade, aos modismos transitórios e a processos outros que, as mais das vezes, não apreenderão, nas suas engrenagens, o fenômeno poético.

Agora, é continuar nessa linha, com um imperativo de consciência poética. A escolha foi feita. E a nova estrada só pode levar a um rutilante amanhecer.

Estou certo de que, em assim procedendo, Márcio Catunda será reconhecido com um dos nomes mais expressivos de sua geração, já que dispõe do principal elemento para tanto: o talento. O resto é um problema de continuidade, de fidelidade aos ideais escolhidos, pois a tarefa é laboriosa e exigente. A poesia só é fácil para os tolos. Para os demais, é uma arte maior, que tudo pede e exige de seus operários e cultores. Entre esses, Márcio já começou a conduzir as pedras destinadas à construção do templo. Agora, é esperar para ver. As paredes já se erguem, como granitos, para o céu...

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

